

Entrevista com Bia Corrêa do Lago, 12 de janeiro de 2026

KARL ERIK SCHØLLHAMMER
Universidade Católica do Rio de Janeiro

Em sua residência no Alto da Gávea, encontrei Bia Corrêa do Lago para conversar sobre a biblioteca e arquivo de seu pai, o escritor Rubem Fonseca, que faleceu em 15 de abril de 2020, aos 95 anos.

Em vida, Rubem Fonseca era um personagem público discreto, que evitava aparecer na imprensa, não aceitava entrevistas e raramente se deixava fotografar. Frequentemente era comparado com o esquivo J. D. Salinger, com o discretíssimo Thomas Pynchon ou com o seu contemporâneo brasileiro Dalton Trevisan. Evitava a todo custo a exposição pública de sua vida particular e nunca estava disponível para tomar parte nessa esfera mediática da literatura, de feiras e festivais, hoje inevitável para quem procura o sucesso editorial.

Ninguém, nem mesmo a família mais próxima, sabia da existência de um riquíssimo e volumoso arquivo particular do escritor, cuja atitude reclusa tornou-se parte de sua reputação pública. Nunca falou desse arquivo para ninguém. “Uma vez, Nélida Piñon, amiga de meu pai, o presenteou com duas fotografias para seu arquivo e ele pronto respondeu: ‘mas Nélida, eu não tenho arquivo’. De fato, ele não tinha um arquivo organizado, catalogado, como o da amiga. Ele não jogava nada fora, e a gente não sabia. Acumulou por décadas os seus papéis sem qualquer ordem, nos armários do escritório de seu apartamento no Leblon. Foi por isso uma surpresa muito grande descobrir que guardava absolutamente tudo em seu apartamento. Encontramos centenas de cartas, manuscritos, fotos, recortes, cadernos com anotações e papéis diversos de todos os tipos e tamanhos”.

Para Bia, esse acervo com milhares de peças representa uma tarefa incontornável. Ler tudo e organizar esse material tem sido um trabalho muito difícil e certamente impossível para uma só pessoa. O plano inicial é organizar a fotobiografia que vai sair pela editora Capivara, que Bia fundou junto com o

marido, Pedro Corrêa do Lago. Bia se formou em psicologia, trabalhou como psicanalista e mais tarde foi escritora, pesquisadora, jornalista, roteirista e editora, com trabalhos importantes publicados, como livros e catálogos raisonnés premiados sobre fotografia histórica brasileira ou ainda sobre a pintura do holandês Frans Post. Outro desafio é encontrar o lugar definitivo ideal para os livros de seu pai, além do arquivo. Já não é fácil encontrar bibliotecas no Brasil com a capacidade de guardar coleções pessoais. Fonseca deixou mais de oito mil volumes e há, por exemplo, a coleção de paperbacks que trouxe dos Estados Unidos quando fez um mestrado lá na década de 1950, com autores como Faulkner e Hammett, que adorava, e que marcariam profundamente a sua obra. Ou ainda a enorme coleção de primeiras edições brasileiras e internacionais que ganhou com dedicatória de outros autores.

“Estou demorando para ler e organizar o arquivo, não só por ser muito trabalhoso, mas também porque tenho uma relação pessoal e afetiva com tudo aquilo. Junto à correspondência que manteve com colegas autores e amigos e tradutores (muitas vezes com suas respostas em cópia quando dispôs de uma secretária), há também as cartas trocadas com minha mãe e outras de seus pais, meus avós portugueses. Não posso nem quero escrever uma biografia detalhada, creio que outros devem fazer isso, mas cada fotografia desperta em mim muitas recordações e emoções, daí meu projeto de fazer sua fotobiografia. Apesar de ele ter me dito certa vez que era eu quem deveria escrever sobre ele, o que me faz pensar às vezes que pode ter sido o motivo de ter guardado tudo isso, não me vejo como sua biógrafa. Acho que outros devem fazê-lo.

“Há um material importante que pretendo apresentar na fotobiografia. São os documentos que podem contestar as lendas, leituras engessadas ou equivocadas e certos julgamentos dogmáticos a respeito de sua vida por parte de jornalistas e pesquisadores apressados. Vou incluir, por exemplo, a cópia da carta de demissão de sua posição no IPES, Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais, que ele enviou dias depois do golpe de 64, e dois textos que escreveu na imprensa na década de 90 com a refutação explícita e detalhada das inferências por parte de certos autores sobre sua participação no IPES. Não encontrei base para as insinuações feitas, por exemplo, pela jornalista Regina Coelho numa tentativa fracassada de entrevista no final da década de 60 e também pelo historiador uruguaio René Dreifuss no livro *1964: A conquista do estado*, de uma suposta afinidade com os planos dos militares durante o governo João Goulart, nem para as afirmações de Denise Assis de que

meu pai tivesse escrito roteiros para os filmes de propaganda do IPES. Foram pesquisados todos os filmes e não há nada de concreto que justifique essa afirmação, nenhum documento, nenhum crédito, nenhuma entrevista, nenhuma assinatura. Mas sempre que o assunto reaparece, as mesmas insinuações se repetem, citando as mesmas fontes nunca provadas ou contestadas. Como jovem recém-contratado pela Light, meu pai foi nomeado por seu chefe, Antônio Gallotti, para representar a empresa, uma das maiores do Brasil, entre tantas outras grandes empresas envolvidas no IPES, e acabou auxiliando no setor de comunicação, entre outros escritores, como Fernando Sabino, até a irrupção do golpe”.

É impressionante também como certas versões e interpretações se repetem na evocação de sua obra. Sempre se destaca o tema do crime, da violência e do sexo e se vê nisso um reflexo de sua passagem pela polícia, que para muitos foi uma longa carreira e na verdade limitou-se a apenas seis meses. É claro que a obra de Rubem Fonseca trouxe esses temas para a melhor prosa brasileira, mas não devemos perder de vista a ampla variação temática de sua obra, a experimentação constante com os formatos do conto e do romance, cuja abrangência de assuntos é muito maior. Todos os romances, começando com *O caso Morel* (1973), trouxeram propostas de inovação narrativa. Assim, *Agosto* (1990) é um marco no diálogo entre a literatura e a história oficial, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988) da relação com as artes visuais, e o *Diário de um fescenino* (2003) e até mesmo *José* (2011) brincam com os formatos do aspecto biográfico. A obra de Fonseca entrou para o cânone por trazer para a literatura brasileira uma nova imagem da realidade mais crua da vida urbana e o tema do crime e da violência chegou a ser uma espécie de rótulo de sua narrativa. Muitos ignoram ou esquecem que desde o início trata-se de uma obra com alto nível de experimentação, que renovou o conto e o romance brasileiro e marcou gerações de escritores ao brincar com os formatos da ficção, sempre misturando o compromisso realista com a inovação formal.

Entre os inéditos do arquivo, Bia encontrou uma variedade de textos, ensaios e palestras, muitos contos escritos anos antes de sua estreia com *Os prisioneiros* (1963), como os contos “Natal” e “Arinda”, publicados na edição comemorativa de suas obras completas num box da Nova Fronteira, lançado em 2025 e cujos manuscritos são datados de 1948, quando Fonseca tinha 23 anos. Dessa época e de até antes, Bia encontrou vários contos, também inéditos, fragmentos de um romance epistolar com o título de “Manuel e Léia”, repleto de poemas trocados

entre os protagonistas, assim como muitos textos soltos sobre o escritor Isaac Babel, um projeto de livro talvez, mais ambicioso do que as referências ao escritor russo que aparecem em vários lugares de sua obra, como por exemplo no romance *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*.

“Encontrar um destino para esse material é muito importante. É sem dúvida o arquivo pessoal e inédito mais extenso e significativo de um dos mais importantes autores da literatura brasileira da segunda metade do século XX. Quero que seja um lugar em que pesquisadores de todo o mundo possam ter acesso livre e fácil para poder estudar esse riquíssimo material, assim como nas grandes bibliotecas americanas como por exemplo as do Estado do Texas. Creio que o melhor que posso fazer com esse arquivo é garantir que torne-se disponível em condições ideais para os pesquisadores dentro e fora do país”.